

LUIZ CARAMASCHI

DE VOLTA DO CAOS

“Aqui sim, no meu cantinho,
vendo rir-me o candeeiro,
gozo o bem de estar sozinho,
e esquecer o mundo inteiro”

Goethe

EDITORA SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI
Praça Arruda, 54 - Caixa Postal 44 - 18800-000 - Piraju - SP
Fone (14) 3351.1900

Contra-capa

A queda do empíreo e a posterior volta do caos, sintetizada em um poema

Epitáfio de Satã

Jaz, aqui, Satã, para todo o sempre,
Se tanto durar a rebeldia sua.
Criado foi ele pelo Eterno Pai,
Da sempiterna Substância-Amor;
Mas, como descreiou-se, ele próprio,
Por arbítrio seu, eis sua sentença:
Terá de recriar-se, por si mesmo,
Em não previsto tempo; ou isto, ou
Reduzir-se-á, para sempre, a nada.
Nem ele, pois, nem os sequazes seus
Retornarão à Celestina Pátria,
Enquanto não se desvirarem todos
De dragões, transformando-se, de novo,
Nas formas belas que possuíam antes.
Mas há esta esperança aos esforçados,
Aos valentes que se negar quiserem:
Altos Numes de esferas mais sublimes,
Inflamados do sacrossanto Amor,
Varando as trevas do Orco levarão
Socorros mil a quem quiser salvar-se,
A quem, de dragão, desejar negar-se,
Reconquistando o perdido Amor.

Luiz Caramaschi

ÍNDICE

	PRÓLOGO	3
I	O QUE É A FILOSOFIA ?.....	5
II	QUE É A SABEDORIA ?.....	11
III	AS CLASSES DE SABER	17
IV	CAMINHOS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO	23
V	O MÉTODO	27
VI	QUE OUTRO MÉTODO VIRÁ ?	37
VII	A INTUIÇÃO	43
VIII	HIERARQUIA DAS INTUIÇÕES	49
IX	O EQUÍVOCO DE SCHOPENHAUER	57
X	ONTOLOGIA E METAFÍSICA	63
XI	QUEM EXISTE ?	78
XII	A GRANDE SÍNTESE FILOSÓFICA	85
XIII	OBJETOS IDEAIS –	90
	ESSÊNCIAS	
XIV	OBJETOS REAIS – SUBSTÂNCIAS	99
XV	NOSSA CIVILIZAÇÃO EM QUEDA	110
XVI	ALTRUÍSMO PURO E EGOÍSMO DILATADO	123
XVII	INVOLUÇÃO	136
XVIII	DOCTRINA DOS ESPÍRITOS	143
XIX	TELEFINALISMO EVOLUTIVO	152
XX	SUBIDA DO MENTAL AO MORAL	160

PRÓLOGO

De início, queremos agradecer a nímia gentileza da “Folha de Piraju” pelo seu grande trabalho em publicar, em primeira mão, parceladamente, nosso livro anterior “*Um Estudo do Nosso Tempo*”. Com este grande e meritório esforço, a “Folha” nos proporcionou a oportunidade de darmos aos nossos concidadãos o fruto de prolongadas e profundas lucubrações de largos anos.

Para que essa primeira publicação fosse possível, tornava-se indispensável a colaboração da “Folha de Piraju”, com tanta proficiência criada, dirigida e mantida por um grande cidadão pirajuense, Sr. Constantino Leman. Que ele é um grande idealista, não há dúvida nenhuma, pois, manter um pequeno jornal carinhosamente confeccionado, e por tantos anos, é trabalho saliente, digno de admiração. Honra é, que ninguém pode extorquir a Constantino, o haver mantido um jornal em nossa terra até hoje, apesar de tantas incompreensões, tantas lutas, e enormes apertos e sacrifícios financeiros, se bem que, para sermos justo, temos de anotar que muitos colaboraram, financeiramente, quando a “Folha” ressuscitou de suas cinzas - o antigo “O Comércio de Piraju”.

Pirajuense por adoção e por título emérito conferido pela nossa respeitável Câmara Municipal, nosso esclarecido e digno colega de pena, Sr. Constantino, em mantendo a nossa “Folha”, prova que ele, ao fechar os olhos para este mundo, quer deixar um legado para Piraju, um *Documento* imperecível - a sua querida “Folha”.

Paralelamente ao trabalho de jornalista, aparece o escritor e historiador que é, nas obras: “Piraju Ontem e Hoje”, “São Sebastião do Tijucu Preto” e “Cem Anos de Piraju”, este, em fase final de impressão.

Então, nós, como entendedor do verdadeiro heroísmo de Constantino, quisemos colaborar, se bem que com uma parcela ínfima, na confecção desse grande *Documento* de Piraju, publicando nele, em primeira mão, para os nossos irmãos de terra, estes nossos livros.

A obra que irá sair, querendo Deus, traz o título “*De Volta do Caos*”. Nela se desenvolvem pontos que já apareceram, em síntese, na obra anterior. Trata-se de obra inédita, tanto como a precedente, sobretudo o capítulo “*Origem das Espécies*”, visto como tal “origem” não se explicou, cabalmente, nem por Darwin, nem por Lamarck, nem pelo Mutacionismo a partir de Hugo de Vries.

Ambos livros pretendem abrir um ciclo novo para o pensamento filosófico. A *Primeira Jornada Filosófica* teve início na Grécia com a polêmica entre Heráclito e Parmênides; é o ciclo chamado *Realismo*, que teve o seu termo no fim da Idade Média. Platão é um filósofo *realista*, não só porque pertence a este ciclo, como também, porque seu “idealismo” é *objetivo*; a realidade, para ele, se situava fora do sujeito, exterior a este, encontrando-se no lugar celeste ou resplendente – o *topos uranos*. Tal “idealismo” é polarmente oposto ao de Kant que fazia tudo brotar do sujeito, como puro *subjetivismo*, ao ponto de afirmar que “nós pomos às coisas as suas essências”. Ora, Platão não admitia isto, e, para ele, como, depois, para seu discípulo Aristóteles, as coisas é que “nos enviam as suas essências”. Tal modo de conceber o mundo teve seu ocaso no fim da Idade Média, com os filósofos Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Com a verificação experimental dos erros científicos de Aristóteles, foi posta em dúvida também a sua filosofia.

Tomando, precisamente, a *dúvida* por ponto de partida, na Renascença, com Descartes, teve começo a *Segunda Jornada* - o *Idealismo* ou filosofia moderna. Kant foi o pináculo deste ciclo, tendo sido continuado por três grandes pensadores absolutistas: Fichte, Schelling e Hegel. Depois a filosofia caiu no ridículo, e, com Augusto Comte, ela passou à nivelante condição de simples síntese das ciências. O positivismo achatou a filosofia, tirando-lhe a terceira dimensão, a altura, que a fazia ocupar-se, primordialmente, com os problemas da

origem e fim transcendentais do mundo, do homem e das coisas. Como se não bastasse isto, veio o pior: surgiu a *doutrina científica da evolução* pondo em xeque-mate todas as filosofias, as religiões todas, todas, sem exceção, de bases criacionistas.

Os filósofos contemporâneos, não podendo, por sua vez, resolver o problema do Ser, desgarraram-se pela senda ingrata de criar doutrinas pessimistas, niilistas, conducentes ao *Nada*, sem nenhuma esperança. Nenhuma filosofia contemporânea forma um sistema completo, pelo que estamos sem filosofia, sem *norte filosófico*, desde Augusto Comte, como diz Ortega.

A nossa é a *Terceira Jornada Filosófica*, a da Síntese, a da *Essência-Substância*, a do *Ser-Amor*, bem própria a nascer no Brasil do qual já se disse que é o “Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho”. O Brasil não só assombra o mundo inteiro com o seu desenvolvimento econômico; assombrá-lo-á, também com sua cultura, e ainda será o líder espiritual e moral do mundo, e nisto já se tem mostrado competente com resolver todos os seus problemas políticos pacificamente. É aqui, então, que tinha de nascer o ciclo novo para o pensamento - a *Filosofia do Amor*.

O autor

Capítulo I

O QUE É A FILOSOFIA ?

O homem desde os seus primórdios fez filosofia. Mas este fazer é diferente dos outros quefazeres, porque a idéia de fazer implica ação, movimento. Ora, o fazer da filosofia é diferente porque significa estar parado, meditando. Não se trata de um fazer físico, porém, de um fazer mental. Enquanto o homem agia só do ponto de vista físico, material, ele fazia coisas, não, porém, filosofia. E foi quando ele entrou em si mesmo, esteve em solidão só consigo, quando, parado, se pôs a pensar sobre as coisas, sobre o mundo, aí é que começou a filosofar. Por este motivo, o fazer da filosofia é diferente dos outros quefazeres, porquanto estes fazem coisas, no passo que a filosofia, sendo um estar queado, em meditação, fez não menos que o próprio homem.

O homem só se fez tal, quando principiou a usar a razão, a pensar; pensar sobre o que? Pois pensar sobre as coisas, sobre o mundo; e este pensar sobre as coisas, esta tentativa de descobrir o que elas são, constitui a filosofia.

Deste modo, a primeira e mais natural definição da filosofia é a **meditação sobre o mundo**, para achar um caminho, uma forma de atuar sobre as coisas, um modo de conduzir-se entre elas, uma forma de conduta. Conseqüentemente, não se pode definir a filosofia antes de tê-la feito; e foi fazendo-a, um pouco, que nos foi possível chegar à nossa mais elementar e espontânea definição: **a filosofia é a meditação sobre o mundo**. Um animal, para agir, segue o seu instinto; porém, o homem é pobríssimo de instintos naturais; como, logo, agiria sem um pensamento antecipado? É-lhe, então, imposto o pensar, o escolher e o decidir-se por um caminho, queira ou não queira. Esta é a razão por que já os antigos diziam do homem que é um **animal metafísico**.

Aliás, todas as demais disciplinas que o homem domina, não nasceram de definições claras, precisas; todas começaram de forma nebulosa, confundidas umas com outras, e só quando o homem teve boa soma de conhecimentos, é que pôde delimitar os objetos das várias ciências, isto é, definir, traçar “fines” ou limites às disciplinas.

Daqui se tira que só se sabe o que é filosofia, quando já se é filósofo; mais que qualquer outra matéria, a filosofia precisa de **vivência**, e isto se define como sendo aquilo que temos em nosso psiquismo carregado do mundo exterior, e que forma a nossa mentalidade; é a nossa convicção pensada, vivida e sentida, e que damos como sendo o nosso **conjunto-verdade**. É assim que, sem as experiências da vida, a filosofia não seria vivencial, pessoal, e sim, mero estudo das experiências alheias condensados nos sistemas e verdades alheios. Pelos livros se pode chegar a ser um professor de filosofia, isto é, mero repetidor do que os compêndios dizem. O filósofo é um senhor que calcou as vivências alheias nas próprias, e agora possui um **sistema-verdade** (quer dizer, que tem por verdadeiro), a lhe norteiar o **fazer** e a **conduta**. Um exemplo: os escritores paisagistas gastam páginas seguidas em seus romances para nos descrever os sítios que fazem fundo às cenas em que se movem seus personagens. Por mais minudentes que tais escritores sejam nas descrições, seja dos lugares, seja dos tipos humanos, não conseguem transferir-nos **vivências**, e sim, somente, nos sugerem imagens e idéias. Porém, a partir dessas imagens e dessas idéias, vamos construindo nossos quadros mentais próprios, a partir de nossas vivências próprias. Isto se chama **convivência**. Se, todavia, depois, formos aos locais em que o escritor se inspirou, ainda que ele tenha sido fiel nas descrições, tudo se nos mostra diferente. É que antes, a linguagem literária ia-nos suscitando uma **convivência**, e agora tudo são **vivências**, tudo, experiências pessoais, diretas, em que tomam parte não só nossa mente, senão também os nossos sentidos, os nossos sentimentos, as nossas emoções, tudo como coisas vividas, como vivências nossas.

É por este modo que o filósofo coordena e sistematiza não só **vivências**, mas também **convivências** no seu **conjunto-verdade**, na sua convicção mais profunda que lhe norteia o

fazer e a *conduta*. Daí que todo homem é filósofo, desde que não se guie por pura fé, por pura sugestão. Esta é a causa por que poderíamos repetir Huberto Rohden quando afirma que: “a inteligência humana é filosófica por natureza”¹, ou então, os antigos que davam para o homem a designação de “animal metafísico”.

No entanto, já se vê, não podemos ter todas as vivências que a vida total, o mundo, nos propiciaria, se, a um tempo, como que onipresentes, pudéssemos estar em todos os lugares, vivendo todos os dramas, e ainda trazendo para o presente o passado que já foi. Face a esta impossibilidade, nós nos consolamos com reviver as experiências alheias, imaginativamente nos colocando em seus lugares, procurando sentir o que sentiram, e a repensar o que pensaram. Então, o filósofo não só procura sentir as próprias vivências (que são basilares), e a repensar os próprios pensamentos, senão, também, busca conviver e repensar, isto é, incorpora, quanto possível, as vivências alheias, e repensa os pensamentos dos outros. A isto também chamamos meditação sobre o mundo, já, agora, não só sobre o nosso mundo restrito, mas sobre os vários mundos alheios. Se como diz Ortega, cada filósofo está num mirante que se abre para o mundo, cumpre-nos ver o mundo de todos os mirantes, enxergando-o, quanto possível, através de todas as pupilas. Fazendo isto, verificamos que muitas vivências alheias se assemelham às nossas, de modo que nosso *conjunto-verdade* se reforça e se enriquece mais do que se contássemos apenas com as nossas vivências próprias. Neste sentido é que entendemos o aforismo latino que diz: “*primum vivere, deinde philosophari*”. Só depois das experiências da vida se torna possível o filosofar. Esta é a razão por que há gênios precoces na música, como Mozart, nas matemáticas, como Gauss, porém, não, na filosofia.

Deste modo, não faz filosofia quem não entrar nela, quem não se dispuser a vivê-la com toda a matilha de sentimentos egrégios, de emoções nobres, como diz Ortega do historiador, entusiasmando-se com ela, angustiando-se, criticando-a, censurando-a, aplaudindo-a, completando-a, chorando-a, rindo-se dela, encrespando-se contra ela, abraçando-a, estando nela “*cum ira et studio*”. Tudo isto faz quem ama..., sobretudo se o amor se dirige à sabedoria.

Ora, para fazermos isto que nos coloca na posição de filósofos, precisamos entrar em solidão temporária, retirar-nos, estar só conosco mesmo, fazer aquilo que Goethe põe nestes versos: “Aqui sim, no meu cantinho,/ vendo rir-me o candeeiro,/ gozo o bem de estar sozinho,/ e esquecer o mundo inteiro”². Este é o mesmo pensamento de Montaigne quando escreve: “Infeliz a meu juízo, quem não tem em casa um lugar de recolhimento, onde esteja só consigo, onde possa voltar-se para si mesmo, e não para os outros, onde possa esconder-se”³.

Se, de começo, dissemos que todo homem é filósofo, já agora começa delinear-se o cariz do verdadeiro filósofo: é filósofo todo aquele que, para pensar, sente necessidade de retirar-se. O homem-massa não tem esta necessidade pelo que não é filósofo, deixando-se levar ao sabor dos acontecimentos, guiando-se por pura fé, obediente às determinações do social, sem nunca perguntar: por que? O filósofo é o homem que quer ser autêntico, que luta por ser si mesmo, e não o social nele.

Na medida em que formamos o nosso *conjunto-verdade*, ou *sistema-verdade*, vamos fazendo um balanço, pondo em xeque o nosso sistema, incorporando verdades verdadeiras, e expurgando dele as verdades falsas tidas por verdadeiras até então, tendo em vista o princípio que Toynbee tomou de Meredith em “O Túmulo do Amor”, que diz: “Somos traídos pelo que há de falso em nós”⁴. Então, cada vez mais nossa visão se aclara, visão que determina nossa conduta cada vez mais reta, cada vez mais acertada, sábia. A filosofia, portanto, não é uma coisa feita, mas em se fazendo, e só estará completa e acabada, quando formos, de fato, senhores da verdade. Esta verdade é o sistema único que se chama sabedoria.

A filosofia, pois, busca a verdade, a sabedoria, e o homem que estiver inflamado dessa paixão pela verdade, pela sabedoria, é um filósofo. A própria palavra filosofia quer dizer isso:

¹ H. Rohden, *Filosofia Universal*, 1,21

² Goethe, *Fausto*, Clássicos Jackson XV, 78

³ Montaigne, *Clássicos Jackson*, XII, 30

⁴ Arnold J. Toynbee, *Um Estudo de História*, III, 784

amigo da sabedoria, ou *amor à sabedoria*. Com isto, chegamos a uma definição mais completa do que seja a filosofia: filosofia é a meditação sobre o mundo, sobre a verdade que subjaz ao mundo; a posse dessa verdade é o anseio do filósofo; essa verdade é a sabedoria, e quem a busca é seu amigo, seu amante, isto é, amigo da sabedoria.

Assentado que não podemos ter todas as vivências que a vida global nos ofereceria se fôramos infinitos, onipresentes e dono de todo o tempo, ou seja, capazes de trazer para o presente o passado e o futuro, o passado como memória, e o futuro como previsão do que é possível ser previsto; frente a esta impossibilidade nossa, não nos resta outro recurso senão o de permutar experiências. Esta permuta seria ver o mundo através dos vários filósofos, enxergando-o de seus pontos de vista. Assim, para termos todas as vivências de dado pensador, precisamos ler toda sua obra, colocando-nos no mirante de onde ele enxergou o mundo. Quando, por exemplo, vemos condensada a doutrina de Hegel no enunciado: “quanto mais geral, mais real, e quanto mais individual, menos real”, aí temos sua filosofia na máxima concisão. No entanto, já dizia Horácio: “Esforço-me por breve, torno-me obscuro”⁵. Quer dizer que, com este simples enunciado hegeliano, não podemos viver a sua filosofia. Já se passarmos e repassarmos por todos os seus argumentos, depois de certo tempo, aquele enunciado, aquele condensado do grande pensador, se nos mostra cheio de conteúdo vivencial.

Dir-se-á que não temos tempo para ler todas as obras de todos os pensadores. É certo que não dispomos desse tempo; mas há as obras de divulgação, os esboços, os compêndios para estudantes de filosofia, em que a condensação é menos restrita, menos compacta que o simples enunciado. E há mais isto: para as mentes filosóficas, um simples enunciado soa como se fora uma premissa da qual se pode deduzir todo um sistema. Um simples enunciado já serve para pôr-nos no mirante que verte para o mundo, em que, realmente, se colocou o filósofo. E assim como Hegel chegou à sua condensação, à sua fórmula, por *indução*, nós podemos *deduzir* o seu universo a partir de sua fórmula.

O mundo foi enxergado por Hegel, de que ponto de vista? Pois ele viu o universo do *mirante criacionista*, que não do *evolutivo*. Do ponto de vista evolutivo, tudo se faz de baixo para cima. Houve um tempo em que este nosso universo estava condensado numa esfera de dez mil anos-luz de diâmetro, que era o Colosso Primitivo de Alpher, Beth e Gamow. Os átomos, aí, em formação, eram nus. Os núcleos atômicos eram já *cosmos*, porém, rodeados ainda pelo caos. Com a expansão do Colosso Primitivo, os núcleos nus ganharam calotas eletrônicas, pelo que surgiram os átomos; estes, então, eram *cosmos*, todavia, rodeados pelo caos. As formações se sucederam de baixo para cima, por este processo, e tudo o que se organizou, esteve sempre rodeado pelo caos. O indivíduo humano, o seu ente biológico, foi preciso formar-se primeiro, para que, a partir dele, aparecessem as formações mais altas e complexas da sociedade, do Estado. O Estado, por conseguinte, é uma unidade em formação, e, por isto mesmo, em parte, ainda caótico, não podendo ser mais real que os indivíduos, dado que o Caos mais inteiro é a suprema irrealidade. Daqui se pode construir a fórmula de Hegel pelo avesso: em todo o âmbito que a evolução abarca, quanto mais geral, menos real, e quanto mais individual, mais real. Em nosso *mundo evolutivo*, o real está na razão inversa do universal, e na razão direta do individual. Há mais ordem e harmonia, e, portanto, realidade, no cosmo atômico e molecular, do que no organismo estatal; isto é pacífico. O cosmo sideral, embora amplo, é simples, como se fora uma ampliação do átomo, da molécula. Não confundir extensão espacial com generalidade.

Estaria, então, errado o enunciado hegeliano? Não está. No mundo celeste, no mundo pleniluminoso criado por Deus, o mundo resplendente ou *topos uranos* de Platão, a fórmula de Hegel se aplica, e quanto mais geral, mais real; a suprema realidade é Deus, da qual todas as demais realidades decorrem; e dele abaixo, quanto menos geral, menos real. As conseqüências que Hegel tirou do seu sistema, relativas ao Estado, o Estado teocrático, em que o chefe manda por eleição divina, aplica-se lá, no *topos uranos*, onde é inexequível a democracia pela

⁵ Clássicos Jackson, XII, 10

qual a massa dos anjos menores elegeria seus chefes, e isto, simplesmente, porque o menos, ainda que em massa, não pode eleger o mais. Um gênio sozinho pode muito mais do que os milhões de homens medíocres que se pudessem reunir num parlamento, num conselho, porque nada de superior será obtido pela potenciação infinita da unidade, do um, ou pela somação de infinitos zeros. Onde não há elite, não há escolha, e um congresso cem por cento constituído de nulos, o eleito será um nulo também. E a massa nem sempre sabe distinguir o homem elegante (donde veio elegante, que sabe eleger ou escolher o que melhor se tem a fazer), o homem excelente, do demagogo vulgar que não passa dum ambicioso do poder e bem falante. No entanto, em relação a este nosso mundo evolutivo, Hegel está errado, e nada mais fez do que recair no passado, porquanto o absolutismo estatal foi o cariz de todos os governos desde os primórdios da civilização, e, já nos tempos modernos, Luiz XIV (“L’etat c’est moi”), o Mikado japonês, Hitler, Mussolini, Lenin, Napoleão Bonaparte, Júlio César, Alexandre Mágnio, Anibal, Gengis-Khan encarnaram o “Espírito Absoluto” qualquer que fosse o nome dado à suma Realidade-Deus.

Como era de esperar-se, em nosso Estado ainda em formação, a anacrônica e primitivista doutrina de Hegel se mostrou funestíssima, porque a pretensa eleição divina elevou Mussolini e Hitler ao poder. Tal “eleição divina” não fez mais do que permitir a subida de verdadeiros demônios do mal ao supremo mando, como o demonstraram as obras demolidoras de ambos, sobretudo as de Hitler. Basta o que atesta a História para provar que a doutrina de Hegel está errada em relação a este nosso mundo invertido, egoísta e mau. No entanto, se aplicada ao *topos uranos* de Platão, a filosofia hegeliana se nos mostra corretamente certa. Daí que, conforme o dissemos, a doutrina de Hegel se aplica ao mundo criado diretamente por Deus (criacionismo), e não , a deste nosso mundo evolutivo, imperfeito, que vem da escuridão do Caos, em demanda da luz. O liberalismo democrático, portanto, pode não ser o melhor regime, mas é o que melhor se adapta às condições dragontinas deste nosso mundo em evolução.

E, pois, que temos feito até aqui, senão uma crítica a Hegel ? Então, a filosofia pode definir-se, também, como crítica. Cada filósofo, ao erigir o seu sistema, critica os anteriores no que supõe errado, incorporando o que tem por certo e verdadeiro. Daqui vem, conforme o diz Ortega, que a filosofia, por um lado, é “*o repositório dos erros*”, e, por outro, “*o tesouro dos acertos*”.

Partindo da definição mais natural e espontânea de filosofia, que é a de *meditação sobre o mundo*, podemos perguntar: o que o homem procura descobrir nas coisas, no mundo, por meio de sua meditação ? Procura descobrir o *nexo*, a *inteligência*, a *essência* das coisas. A própria palavra *inteligência* vem de duas palavras latinas, *inter* (entre) e *legere* (ler); a inteligência é, pois, a faculdade de ler, captar ou perceber o nexo que os sentidos não percebem. A inteligência busca o nexo que *co-está* com as coisas. É a inteligibilidade das coisas. Há, nas coisas, um *princípio de conexão* não só que a todas interliga, senão que também integra suas partes. O núcleo atômico é uma unidade polarmente contrária aos elétrons; estas unidades opostas e complementares se conectam na unidade hierarquicamente superior - o átomo. Os átomos de polaridades elétricas contrárias ligam-se entre si, do que resultam as moléculas, e assim por diante, tudo o que existe é uma síntese que agasalha, no seu interior, no seu ser, unidades opostas e complementares. Assim, cada ente, qualquer que seja o nível, se mostra diferenciado em relação à outra unidade do mesmo nível, mas oposta, com a qual se combina, formando uma unidade maior, de espécie superior, do que as componentes. Do homem abaixo, ou do homem acima, o princípio é o mesmo.

Como a inteligência busca o princípio, o nexo, que tudo liga e integra, a meditação sobre o mundo se reduz à procura do nexo. A este nexo se deu o nome de *Eros* que é o princípio de integração, princípio de conexão, de união. A inteligência, portanto, busca *Eros*, e Eros é o Amor. Por isto é que Platão via o mundo cheio de *Eros*; via o universo, e tudo o que o constitui, como que amorosamente interligado; o universo, para ele, existia graças a esse

congraçamento erótico. Como o objeto da inteligência é Eros, ela é de natureza erosóide, como diz Ortega. E sendo Eros o Amor, a inteligência procura o que há de amor interligando, unificando, integrando. Por esta razão define Ortega a filosofia como a “*ciência geral do amor*”. Antes, vimos que a filosofia é o *amor à sabedoria*, e agora nos vem de Ortega a definição da filosofia como a “*ciência geral do amor*”.

O homem ignorante olha o mundo através de suas *vivências* e *convivências*; fá-las, depois, desfilar em suas lembranças, isto é, torna observá-las por meio de sua imaginação, ou seja, medita sobre elas em sua quietude física, procurando entendê-las. De olhos fechados, passa e repassa as coisas, as situações, as informações recebidas, os conhecimentos adquiridos em sua *mente conscipio*, buscando a inteligência das coisas. De repente, de súbito, de relâmpago, clareia-lhe a mente, como que de um estalo, como que de um disparo de intelecção, e ele, heureka! ... entende o que procura. Este clarão subitâneo, esta velocíssima descoberta do nexa, da essência, vem prenhe, pejada, de emoção ..., da mesma de que ficou possuído Arquimedes quando, nu, sem dar-se de si, saiu do seu banho a correr pelas ruas de Atenas gritando: heureka! heureka! ... A descoberta do nexa vem como uma revelação, não de fora, mas de dentro. A este clarão subitâneo, a esta revelação interior, os primitivos filósofos deram o nome de *Alétheia* que significava na língua vulgar, descobrimento, patentização, desnudamento, revelação, apocalipse. Ortega: “Esta situação, esta experiência vivente do novo pensar grego, que seria o filosofar, foi maravilhosamente denominada por Parmênides e alguns grupos alertas de seu tempo, com o nome de «*alétheia*»”⁶.

E todo homem, sem nenhuma exceção, já teve esta experiência vital, quando procurava entender uma coisa ou situação, e a compreendeu de um estalo, como o de Vieira, num relâmpago, pleno de júbilo, de emoção. Mais tarde é que o vocábulo espontâneo, poético e natural *alétheia*, se banalizou no modesto e prosaico termo *filosofia* inventado por Pitágoras.

Deste modo, da meditação sobre o mundo, vem a *alétheia*, a revelação racional, a descoberta do nexa, a inteligência do que a coisa é, a essência dela, a filosofia. Mais uma vez esta descarga de intelecção se assemelha à descarga nervosa, erótica, amorosa; aquela própria da inteligência, e, por isto, de natureza erosóide, como refere Ortega.

Eis, pois, como a filosofia se vai definindo de modo natural, espontâneo, e isto, usando as nossas vivências, isto é, aquelas que nos são comuns, ou comuns a todos. Não existisse este lastro comum de vivências, os homens não se entenderiam; como todos estamos na vida, em grande parte nossas vivências se assemelham.

Então, as várias filosofias são modos diferentes de interpretar o mundo; a causa disto é que cada filósofo, postado no seu mirante, e a partir de suas próprias vivências, nos diz o que o mundo lhe parece, e como há de ser a verdade segundo o seu entender. Juntando-se todas as verdades particulares, todos os testemunhos da verdade, porque cada filósofo tem sua parcela de razão, podemos construir a verdade inteira, global. “Dir-se-ia - escreve Ortega - que a razão se fez estilhaços antes de começar o homem a pensar e, por isso, tem este que ir recolhendo os fragmentos um a um e juntá-los. Simmel fala de uma “sociedade do prato quebrado”, que existiu em fins do século passado na Alemanha”⁷. Por conseguinte, a *síntese filosófica* que desenvolvemos, já tem nessa “*sociedade do prato quebrado*”, sua precursora. Mais: “Se os filósofos anteriores já não houvessem feito essas «experiências de pensamento» teria que fazê-las o sucessor e, portanto, permanecer nelas e ser ele o antecessor”⁸. Ainda: “Como os problemas da filosofia são os fundamentais, não há nenhum em que não estejam já todos. Os problemas fundamentais estão inexoravelmente ligados uns aos outros, e puxando qualquer um saem os outros. O filósofo os vê sempre, ainda que seja sem consciência clara e à parte de cada um. Se não se quer chamar a isto ver, diga-se que, cego, os apalpa. Daí que - contra o que o profano acredita - as filosofias se entendem muito bem entre si: são uma

⁶ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 209

⁷ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 168

⁸ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 168

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

